CASA Claudia - *novembro 1993*
revista, texto de Daciano Costa

INTERIORES
TRAÇO DE MESTRE

"Não houve Decoração nem Projecto Especial de Interiores. Houve um Projecto Geral de Arquitectura onde me integrei."

Daciano Costa revela-nos, nestas páginas, em que consistiu a sua intervenção no Centro Cultural de Belém.

A propósito do seu trabalho no Centro Cultural de Belém, Daciano Costa —responsável pelos equipamentos deste espaço —prestigiou-nos com uma abordagem didáctica da actividade que desenvolve no âmbito do Design e da Arquitectura de Interiores.
Quatro perguntas foram o ponto de partida para o discurso do mestre do Design português que assim nos esclarece muitas das dúvidas que pairam sobre esta área tão ligada à Arquitectura e nos explica como que consistiu a sua participação no projecto do Centro.

Arquitectura, Arquitectura ou Design de Interiores. Quais as diferenças?

1 - Não há diferenças disciplinares entre Arquitectura e Design de Interiores ou Arquitectura de Interiores. O território de investigação é o mesmo e é contínuo, ainda que se possa demonstrar que o Design introduziu aí — no território da arquitectura — inovações ou diferenciações qualitativas. Não é no domínio teórico da Disciplina mas no da prática profissional que há diferença e que vamos definir práticas (divisões) especializadas duma mesma Arquitectura: em escalas de intervenção diferentes.

2- O Design globalmente introduziu uma metodologia, um ponto de vista contrário ao do *Beaux-Arts* (agora em suspeita recuperação) e é um fenóme-no que se define com o racionalismo e com o Movimento Moderno. Uns e outros preocupados com a organização social das actividades profissionais engendraram na dinâmica dos novos mercados de trabalho especializações profissionais nem sempre entendidas estritamente assim.
São sobretudo os programas novos que solicitam essas divisões. Quanto à Arquitectura de Interior ela é sempre a arquitectura de dentro quando se resolvem problemas de novas utilizações para edifícios velhos ou quando participa no projecto de edifícios novos.

3 - Pode demonstrar-se que há um só território disciplinar: o da arquitectura e diversos sectores dum mercado a que poderão pelo menos, conjunturalmente, corresponder diversas especialidades.

Como surgem novas práticas projectuais?

Essas actividades especializadas deverão portanto ser entendidas no plano de prática projectual e resultam de novas necessidades dos utentes do espaço construído a que o processo da divisão social do trabalho deu sequência prática. A delimitação dos seus campos de intervenção específicos pode ser tentada e nalgumas das especialidades não oferece dúvidas. Mas já não é tão fácil neste momento da sua evolução delimitar um universo teórico, autónomo, estruturalmente da sua reflexão, porque não dispõem de uma produção de conceitos própria, ficando-se na elaboração de algumas ideias práticas ou descrição de rotinas que ao não ultrapassar o carácter manualístico care-

cem de estatuto científico. Na prática partilham o mercado da Arquitectura mas na Teoria mantém-se no território da Arquitectura.
Não há nisto qualquer atitude elitista e muito menos tecnocrática. É uma evidência histórica, é também uma questão de método.
A Arquitectura enquanto *Disciplina* dá-lhes abrigo Teórico. Como actividade ocupa o lugar de charneira destas actividades projectuais. que se desenvolvem para um lado pelo Paisagismo e pelo Urbanismo até ao Planeamento Físico como fronteira; para o lado oposto com a Arquitectura de Interiores, Design Artesanal e Industrial e Design Gráfico que é a outra fronteira. Estas são aquelas mais facilmente delimitáveis. Todas estas actividades fazem parte da cultura do Desenho e alimentam-se do tronco histórico da Arquitectura, o que não significa dependência ou hierarquia social do tipo corporativo porque estabelecem entre si relações funcionais que devem ser claras dentro dum conceito dc complementaridade dos seus projectos. Consoante o carácter do problema dominante a resolver assim se determina quem é o *Chefe* do Projecto que legitimamente passa a protagonizar o processo. É nestas contradições e sobreposições que se vai enriquecendo e evoluindo a Cultura do Desenho. Nestas actividades projectuais de fronteira vão surgindo paulatinamente outras práticas.
Como exemplo muito claro deste processo histórico poderíamos recordar de passagem a própria identificação duma Engenharia Civil que também pertence à cultura do Desenho e que se destaca da arquitectura muito cedo, logo que pôde dispor dum método de cálculo ao apropriar-se dos conhecimentos de Matemática e de Física.
Os laços que estas duas actividades mantêm são significativos em termos de relações Técnicas e de estatuto social. Mas outro exemplo mais rico e historicamente menos longínquo pelo menos entre nós, é o da Arquitectura Paisagista, do *Landscape* ou da Arquitectura sem tecto.
Independentemente de factores técnicos da silvicultura, em si próprios menos duros que os das ciências ditas exactas que instrumentalizaram a engenharia civil, construiu a sua independência no nosso País a partir do impulso e do prestígio e da influência pessoal dos seus pioneiros que desenvolveram uma metodologia e uma Técnica projectual distinta e cedo conquistaram um mercado de trabalho e institucionalizaram um ensino profissional de nível universitário onde se reproduzem.
A geração seguinte com a instintiva, senão estratégica, colagem política ao movimento ecológico selou o processo. Tudo simples e em duas gerações!
Temos aqui neste exemplo, que não julgamos aprofundado, claramente reunidos factores Técnico-económicos e factores sócio-culturais e até políticos convergentes num curto percurso histórico, definidores duma actividade projectual especializada que se ocupa da resolução de problemas de arranjos exteriores até aí resolvidos em níveis diferentes pelo digno artesanato vernacular da jardinagem e pela velha arquitectura.

Mas voltando ao assunto e a Arquitectura de Interiores, o Design e a Decoração?

A Arquitectura de Interiores é uma actividade projectual (uma profissão?) ainda sujeita a muitos equívocos pela sua circunstancialidade, pelos diferentes níveis de intervenção e pelos modos e qualidade Técnica de quem a pratica.
As circunstâncias do comportamento da comunidade face ao próprio ambiente físico em constante mudança e evolução Tecnológica introduzindo novos costumes e necessidades da vida, dos ambientes interiores da habitação e do trabalho. parece propor uma actividade profissional especializada na resolução duns problemas que crescentemente se verificam.

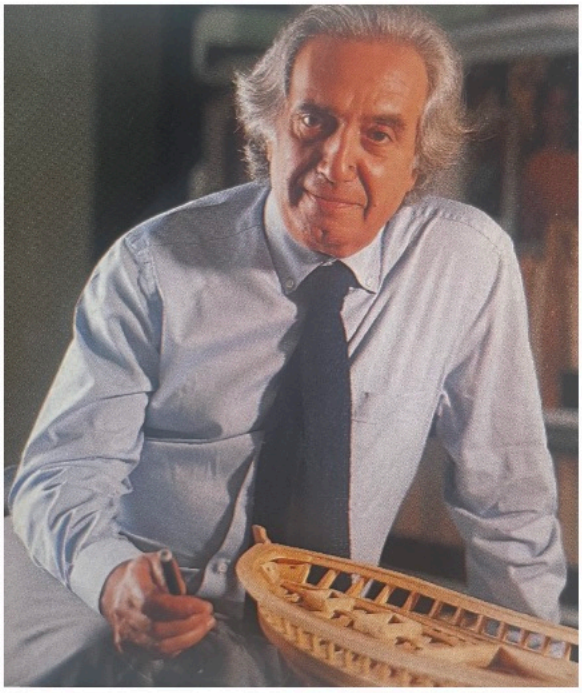
A própria natureza desses problemas é de diferente complexidade e encontra respostas também de diferente responsabilidade.

Desde logo há que perceber que o arranjo interior de uma habitação pode e deve ser feito por quem a habita: pelos donos da casa, recorrendo eventualmente a conselhos de um Decorador que o ajude a antever o aspecto final do ambiente transformado e a escolher equipamentos, objectos etc. na variedade excessiva e desordenada da oferta comercial nada pior que uma casa emprestada e estranha às pessoas que lá vivem! Uma casa assim tem o efeito da máscara à moda que se usa temporariamente no Entrudo. E o Entrudo não é a vida! Digamos que aqui no arranjo interior duma habitação há lugar para se falar de Decoração com o seu próprio modo e nível técnico adequado.

Outro nível de intervenção será o da remodelação de um espaço (duma arquitectura) pré-existente, onde novos programas propõem a ambientação de funções humanas que exigem reforma ou cosmética da imagem e modificações estruturais e dos sistemas de circulação e até de contacto com o exterior, como pode ser um exemplo uma loja e poderá também ser uma habitação. Veja-se o frenezim das lojas e dos bancos. Toma-se evidente que o nível de intervenção de arquitectura de interiores e a responsabilidade do projectista é de maior complexidade e exige em termos conceptuais e técnicos, um modo e uma qualidade que já pode escapar aos seus utentes por colocar já o problema fora do efémero, do passageiro, requerendo o rigor projectual do projecto de Arquitectura de Interiores, ou Design de Interiores o que é o mesmo. São problemas típicos de Projectos de Arquitectura de Interiores autónomos.

Em grandes edifícios novos com programas funcionais muito desenvolvidos onde para a sua intervenção e compatibilização de factores ambientais e técnicos específicos pode haver uma intervenção do especialista de interiores complementar do Projecto Geral de Arquitectura se o arquitecto ou a entidade promotora assim o julgar.

Mais correntemente o Design resolve sobretudo problemas de design de equipamentos, mobiliário e até sinalização integrado no Projecto Geral de Arquitectura.



" Se se tratasse de música digamos que não fui um compositor, fui intérprete de uma partitura difícil mas apaixonante."

Clarificando. Teremos sempre no domínio da Arquitectura como Disciplina:

—Decoração quando se trata de arran¬jos interiores, (revestimentos, cores de acabamentos, mobiliário e objectos complementares) que não modifiquem o programa funcional e a geometria da construção.

—Arquitectura de Interiores quando interpreta um novo programa funcional que preserva e valoriza as pré-existências e sempre que decorram alterações à construção e aos sistemas de circulação e contacto com o exterior.

—Ou quando é um projecto comple-mentar dum Projecto Geral de Arquitectura e que como os outros especialistas intervenientes (engenharias, etc) se ocupa da ambientação de funções específicas em espaços bem delimitados ou em apoio à concepção geral do arquitecto.

— Design de Equipamento e Mobiliário. Quando se ocupa especificamente de projectos de equipamentos e móveis encastra- dos ou soltos especiais integra-dos nos espaços de um edifício. Podendo estes equipamentos protagonizar certos ambientes ou simplesmente integrarem-se na concepção geral dos espaços.

Qualquer destas actividades projectuais podem ser exercidas por arquitectos, arquitectos de interiores, designers, decoradores e, algumas delas, pelas donas de casa ou mulher do patrão!

Daí a circunstancialidade, o nível, o modo e a qualidade. Daí os equívocos. Daí a paciência que tem que se ter. Mas os problemas existem do efémero ao definitivo, do superficial ao profundo e dum modo ou de outro vão aparecendo resolvidos com alguma conflitualidade dada entre profissionais de formações e experiências diferentes.

Não há uma actividade profissional claramente definida (de Decoração toda a gente sabe) pela prática, que é irregular, nem pela Teoria, que é a da Arquitectura. Mas, embora em níveis académicos diferentes, há um ensino especializado do nível secundário ao universitário e em que, com tempo, mesmo sem influência social e disposições oficiais regulamentares se vai escavando o futuro.

E qual o seu papel, qual o seu Projecto de Autor ou nível de Intervenção, no C.C.B.?

Aí está um exemplo. Um edifício como o do C.C.B. é antes de mais um exercício de Arquitectura propriamente dita. Os interiores são o dentro do de fora. Os interiores tem tanto que ver com o exterior como este tem que ver com a envolvente e com o próprio solo.

As necessidades de um projecto e de uma obra destas e as tensões criadas à sua volta, para não falar de um ou outro incidente ou de afirmação de poder, não se reflectem na unidade e aspecto final do objecto.

Ocupei-me com os arquitectos de resolver discretamente alguns problemas projectuais complexos muito específicas (Equipamentos, Hoteleiros, Equipamentos Cénicos e de Interiores...). Digo discretamente porque não havia lugar para intervenções marcantes, digamos personalizadas nos ambientes interiores onde prevaleceram os grandes gestos arquitectónicos que estruturaram a sua imagem. Limitei-me aí, nos interiores, a resolver subproblemas dos acabementos e dos acabamentos e dos detalhes.

Se se tratasse de música digamos que não fui um compositor, fui intérprete duma partitura difícil mas apaixonante. Neste sentido fui no entanto um intérprete autónomo para que não haja dúvidas acerca do que é uma intervenção como designer de interiores.

Não houve Decoração nem Projecto Especial de Interiores. Houve um projecto Geral de Arquitectura onde me integrei.

As tarefas mais árduas pela complexidade técnica e pela inexperiência inicial foram as de concepção e integração de equipamentos cénicos que exigiram uma equipa de consultores de que destaco Henri Oechlin.

Os interiores não tinham que ser mais do que aquilo que foi feito pela minha equipa.

Do Design de Equipamento e Mobiliário é que se pode falar embora como projecto especial de um projecto de autor (é uma expressão detestável). (Não é uma expressão Técnica e é difícil).

Nesta especialidade foi claramento delimitado um Projecto Especial autónomo, com responsibilidades e definições Técnicas e administrativas próprias.
O que significa um *exercício de estilo* estranho à Arquitectura! Não há nenhum projecto de Design correcto sem que seja integrado.
Há independência Técnica-projectual e administrativa mas há uma indepensável complementaridade em termos formais (*estético* não é apropriado) e uma articulação indispensável também aqui à unidade do conjunto.
É claro que há sempre fronteiras de pior entendimento e as relações de produção entre os diversos projectistas resultariam menos vivas ou empobrecidas sem choques de personalidade e sem conflitos. Convergência não significa acinzentado.
Mas todos nos portámos bem ! O inimigo não estava entre nós !
As guerras foram com outros e com a pressa.

Em estreita colaboração com o mestre italiano Vittorio Gregotti e com o arquitecto Manuel Salgado, autores do projecto de arquitectura do Centro Cultural de Belém, Daciano Costa teve a seu cargo a resolução dos inúmeros problemas de pormenor e acabamentos de interiores que o projecto apresentava. No dizer do mestre, uma intervenção modesta, mas da maior importância para quem conhece a qualidade e rigor que Daciano Costa dedica à sua actividade. Os resultados falam por si.

"... não havia lugar para intervenções marcantes, (...) Limitei-me aí, nos interiores a resolver problemas dos acabamentos e dos detalhes..."

Num edifício para o qual se estabelecem programas funcionais altamente desenvolvidos, como é o caso do Centro Cultural de Belém, a intervenção de um arquitecto de interiores torna-se extremamente útil, senão indispensável, para compatibilizar os inúmeros programas com factores ambientais e técnicos muito específicos. Foi nesta área que se situou a actividade de Daciano Costa no Centro Cultural, englobando também o design de equipamento e mobiliário.

O mobiliário assim como todo o equipamento hoteleiro e cénico foram da responsabilidade do Professor Daciano Costa, igualmente responsável pela sinalização, uma área extremamente importante e desenvolvida num edifício vocacionado para acolher público. Todo equipamento surge em termos formais como complementaridade da arquitectura sublinha-lhe os traços e contribui de forma coerente e segura para a unidade do conjunto.